

REPRESENTAÇÕES SOCIAIS E A PALAVRA EM USO EM COMUNIDADES REMANESCENTES DE QUILOMBOS: UMA QUESTÃO DE RESISTÊNCIA¹

Mary Francisca do CARENO
Universidade de Ribeirão Preto –UNAERP - Guarujá/SP
Universidade Estadual Paulista- UNESP- Assis/SP
mcareno@uol.com.br

Resumo: O presente artigo faz reflexões críticas e interpretações sociolinguísticas e histórico-culturais acerca da língua portuguesa usada por habitantes remanescentes de quilombos, à luz da Teoria da Representação Social (MOSCOVICI, 1978). Ressalta as múltiplas variações da linguagem local, influência estabelecida a partir dos contatos com as populações que utilizaram a região do Vale do Ribeira/SP como rota de passagem e local de moradia. O objetivo principal é conhecer as representações (conjunto de saberes, valores da memória social, conhecimentos socialmente elaborados e partilhados) que habitantes desses bairros rurais do município de Eldorado/SP, possuem a respeito de questão de sua identidade, de sua história e de seu estar no mundo com os outros. Com isso, pretende-se conhecer as atitudes e valores dos participantes da pesquisa, frente ao discurso que a escola insiste em ensinar e as contradições do cotidiano escolar. Em suma, o trabalho procura mostrar, por um lado, o descompasso entre um processo cultural proveniente dos tempos coloniais que insiste em mostrar qual deveria ser o lugar social e o uso linguístico dessa população; por outro lado, focará a capacidade dessa população em resistir à padronização da linguagem, via escola e recompor a sua história por meio da própria palavra.

palavras- chave: Vale do Ribeira; representações sociais; remanescentes de quilombos

A tradição transmitida oralmente é tão precisa e tão rigorosa que se pode, com diversas confirmações, reconstituir os grandes acontecimentos dos séculos passados nos mínimos detalhes, especialmente a vida dos grandes impérios ou dos grandes homens que ilustraram a história africana. (...)

Amadou Hampâté Bâ

Introdução

Inúmeras vivências e heranças dos antepassados configuram as representações cotidianas dos habitantes de bairros tradicionais paulistas. Seus antecessores, povos de origem africana, trouxeram consigo, para o território americano, seus costumes, crenças, línguas

¹ Texto adaptado de comunicação apresentada no V Congresso Brasileiro de Pesquisadores/as Negros/as. Goiânia/GO - 28 de julho a 01 de agosto de 2008.

(hoje de uso litúrgico como o yorubá, o bakongo e o kimbundo), léxicos incorporados no nosso falar (línguas bantas), danças, ritmos, instrumentos musicais, culinária, bem como seus deuses e seus ritos de culto. Tiveram também uma grande contribuição para o conhecimento científico e tecnológico universal, como as técnicas de agricultura, mineração, ourivesaria e metalurgia (bronze, ferro e aço)², o comércio, a arquitetura e a engenharia, a sofisticação da organização política, a prática da medicina³. Esses fatos não são quase nunca encontrados nos textos escolares que tratam do tema.

Embora as forças de poder tenham procurado mantê-los dispersos no território brasileiro e, por vezes, misturados para não se rebelarem, esses grupos étnicos retiveram parte de sua cultura original e conseguiram preservar sua identidade. Identidade esta que sempre constituiu fator fundamental para resistir durante o período da escravidão.

O Quilombo, uma das formas de resistência, era uma instituição política e designava tanto a casa sagrada onde se realizavam as cerimônias de iniciação, como também o campo de guerra e mais tarde, o acampamento de escravos fugidos. Algumas dessas formas de organização permaneceram e conservam ainda hoje uma certa identidade com as suas raízes culturais africanas.

A manutenção dessas matrizes ancestrais que sustentam o patrimônio cultural de origem africana é tão natural nos gestos, no olhar, no sorriso de habitantes de remanescentes de quilombos que elas passam, por vezes, despercebidas, mesmo sob o olhar atento de um observador. Seus habitantes conservam em suas formas de expressão, aspectos da experiência acumulada do passado, da incorporação dos conhecimentos da diáspora e com ambos, evidenciam e conservam a própria identidade.

No presente trabalho apresentamos resultados de pesquisa sobre as representações (conjunto de saberes, valores da memória social, conhecimentos socialmente elaborados e partilhados) que moradores do Vale do Ribeira, região sudoeste do Estado de São Paulo, possuem a respeito de questão de sua identidade e de seu estar no mundo com os outros. Com isso, conhecem-se atitudes, posturas e valores dos participantes da pesquisa, frente à diversidade, dando visibilidade às matrizes ancestrais e suas diferentes formas de expressão observadas nos grupos sociais em questão, cuja população é, em sua grande maioria, de ascendência africana.

Partimos da perspectiva de uma pedagogia que compreende e incentiva as diferenças e que pode, certamente, estimular os professores da região, através do conhecimento ampliado em áreas como cultura, história, direitos humanos, a tomarem o próprio bairro onde lecionam como campo de pesquisa. Assim, o trabalho agrega atrativos como o atendimento a interesses dos alunos do Vale do Ribeira, por exemplo, com a proximidade com sua realidade, os desafios consideráveis e o desejo de ter acesso a estudos diferenciados.

² “Os diversos povos que habitavam o continente africano, muito antes da colonização feita pelos europeus, eram bambambãs em várias áreas: eles dominavam técnicas de agricultura, mineração, ourivesaria e metalurgia; usavam sistemas matemáticos elaboradíssimos (...), a contabilidade do comércio de mercadorias; e tinham conhecimentos de astronomia e de medicina que serviram de base para a ciência moderna.” (cf. em http://revistaescola.abril.com.br/edicoes/0187/aberto/mt_98578.shtml.) Ler também MOURÃO, 1995-6:17-18.

³ cf. Nascimento, 2006: 35.

No contexto escolar existente, eles têm que se deslocar do bairro de origem para dar continuidade aos estudos do Ensino Médio⁴. As dificuldades de acesso aos estudos e de permanência na escola são imensas, considerando-se que até a 4a. série do ensino fundamental, as crianças estudam na escola municipal da comunidade. Para as séries seguintes, se deslocam em torno de 6 km, com transporte fornecido pela prefeitura, até a Escola Estadual “Maria Antonia Chules Princesa”.

Consideramos duas hipóteses. Uma, pressupõe que embora tenha havido esforços por parte das autoridades educacionais da região sul- paulista e de membros da comunidade negra em geral para que a Educação Infantil e o Ensino Fundamental sejam de qualidade, existem ainda docentes que por desconhecimento ou por comodismo não conseguiram mudar sua prática docente. A outra diz respeito a que somente um levantamento de determinantes sócio-históricos, econômicos e culturais pode influenciar a prática dos professores locais e pode também ajudá-los a encontrar subsídios para o conhecimento de novas estratégias de ensinagem.

A Teoria das Representações Sociais (TRS) pode contribuir efetivamente para subsidiar as reflexões, fundamentada em dados epistemológicos e sociolinguísticos sobre como o sujeito constrói seu conhecimento de mundo a partir da sua inscrição sociocultural e política, por um lado; por outro, como o meio urbano se dá a conhecer e também como constrói esse conhecimento em relação aos nossos informantes rurais. Buscamos compreender, ainda, que estes conhecimentos constituídos por “universos de opinião”, diria Moscovici (1978, p. 67), poderiam estar assumindo, também, as mesmas três dimensões descritas por ele: a atitude, a informação e o campo de representação ou a imagem.

A *atitude* constitui, segundo o autor, a dimensão mais duradoura presente nas representações. Apresenta-se como uma dimensão avaliativa prévia, ou seja, antecedendo as outras duas. Trata-se de uma dimensão estruturada face ao objeto, que integra os níveis afetivos e emocionais do sujeito.

A *informação* diz respeito aos conhecimentos do sujeito sobre o objeto representado. É variável conforme os grupos sociais e os meios de acesso que se tem para alcançá-la. Esta dimensão nos remete à qualidade e à quantidade de informação possuída pelos sujeitos e suas características.

O *campo de representação ou imagem* constitui a organização hierárquica dos elementos que compõem a representação social. Nesta dimensão, integram-se as coordenadas sociais, o espaço e o tempo, em síntese, todos os elementos para contextualizar o objeto representado. O que nos remete, ainda, para os conteúdos concretos relativos aos aspectos específicos do objeto representado e que constrói um espaço figurativo articulado (ABDALLA, 2008).

Partimos da necessidade premente da inserção, nos conteúdos curriculares das escolas existentes nos bairros, de fatos históricos e culturais afro- brasileiros em geral e dos ocorridos no Vale do Ribeira⁵, em particular, e que representam o resgate da auto- estima de

⁴ Única escola de Ensino Fundamental, Médio e Educação de Jovens e Adultos existente na região do Vale, a EE Maria Antonia Chules Princesa, com seus 415 alunos, pode ser considerada uma exceção.

⁵ O Vale do Ribeira é considerado um bolsão de pobreza dentro do Estado de São Paulo. Apresenta inúmeros problemas, tais como: falta de meios de transporte; quase a totalidade das terras não é agriculturável (apenas 5%); relevo acidentado; estrutura fundiária anacrônica. Por fim, a aprovação pelo governo da construção de

seus moradores e a efetivação de sua permanência no universo que foi de seus antepassados, o que certamente evitará êxodo rural, a urbanização acelerada nos depauperados municípios ao redor e o conseqüente crescimento de favelas e periferias pobres.

Com relação à qualificação dos professores, sabe-se dos resultados negativos por que passa a educação brasileira. Sabe-se também que

“a leitura e a escrita têm um papel essencial e decisivo para o grande salto civilizatório que o Brasil quer realizar. Não há nação desenvolvida que não seja uma nação de leitores. Desde o operário que precisa ler manuais até o advogado que precisa decifrar leis, passando pelo estudante que enfrenta os exames, o cidadão que enfrenta as urnas, a dona de casa que enfrenta a economia e educação familiar, o executivo que enfrenta sua “papelada”, todos os membros de uma sociedade civilizada são “obrigados” a utilizar várias formas de leitura e interpretação de livros, jornais, revistas, relatórios, documentos, textos, resumos, tabelas, computadores, cartas, cálculos e uma multidão de outras formas de escrita.”⁶

É importante perceber, todavia, que não basta ensinar a habilidade de ler e escrever como decodificação de signos linguísticos. Isso por si só não cria hábito de leitura e tampouco colabora com a arte da memorização, ato imprescindível numa sociedade semi- analfabeta como as existentes no Vale. Saber ler simplesmente não é suficiente para ter familiaridade ou convívio permanente com a leitura e com os elementos civilizatórios da cultura circundante. Para além desse saber, existem na região algumas reminiscências, já prestes a desaparecer com o falecimento das pessoas que as possuem e são integrantes da chamada “cadeia de transmissão”, ou seja, a memória de cada bairro e da região em geral. Até a década de 60’, a história estava e permanece nas diversas localidades, na fala dos homens e mulheres mais velhos que têm o conhecimento dos atos familiares mais próximos e chegam a ser a memória histórica, uma espécie de griots. Sua palavra é muito respeitada.

1- Identidade – os modos de vivência

O termo identidade é citado constantemente nos trabalhos de pesquisa e nas rodas de conversa atuais. Considerado um desafio, principalmente para estudiosos da área de humanidades, insere-se no tecido social e nos discursos dos movimentos sociais.

De acordo com o Prof. Kabengele Munanga (2002, p.11), *a identidade, - sempre construída no terreno das exclusões e portanto, política; e portanto, uma identidade de resistência -, está em relação direta com o processo da globalização.*

1- Como não há povo sem língua e sem cultura, o autor compreende identidade como sendo um processo de construção que passa pela existência do outro. No Vale do Ribeira, a questão identitária não fica muito distante daquela que os autores consideram africana. A

cinco barragens ao longo do Rio Ribeira de Iguape vai contribuir para a destruição tanto das reservas naturais da região, quanto das várias comunidades rurais de habitantes negros que estão posicionadas às margens desse rio. (cf. Careno, 1992; MIS, 1980; Almeida, 1955).

⁶ Texto retirado do PROJETO: Centros de formação continuada, desenvolvimento de tecnologia e prestação de serviços para as redes públicas de ensino. Documento D- 2005.

tradição viva, nessa região, está nas palavras e orientações dos que eles chamam de “os mais véiu” Com estes, a história local de tradição oral fica sendo a memória que sobrevive na boca dos responsáveis pela palavra. Embora a elaboração da trama relatada em gravações de depoimentos contenha alguns ornamentos na forma ou na apresentação poética, existe um respeito profundo pelas narrativas tradicionais legadas pelo passado. A trama permanece imutável através dos séculos, veiculada por essas memórias prodigiosas que são características próprias de povos de tradição oral⁷. Conhecem-se os fatos mais antigos da comunidade pelas narrativas dos mais velhos. Veja o exemplo (1)

(1) M : É. O que é que é longe aqui? ... Eldorado é perto?

J : pra nós torna-si pertu agora porque:: ... ((risos)) () antigamenti (a gen)ti gasta(va) dos três (meis) pra i lá vortá ... (a)agora (a gen)ti vai num dia vai i vorta.. ((rindo)) tá pertinhu né?

Mx: ficô muito né?

J : é só se ()

Mx: () ess'istrada () a (ienti) ... tinha qui í rompenu pa cima () im Rldoradu

J : é ... ué (20B2- SP)

Nas narrativas africanas ocorre o mesmo e Appiah (1997) comenta para justificar a importância da fala dos mais antigos que

(...) Histórias inventadas, biografias inventadas e afinidades culturais inventadas vêm junto com toda identidade; cada qual é uma espécie de papel que tem que ser roteirizado, estruturado por convenções de narrativa a que o mundo jamais consegue conformar-se realmente. (Appiah, 1997, p. 242-3),

Essa citação é confirmada nas palavras de Hampeté Bâ (1997), um mestre da transmissão oral africana e um especialista no estudo das sociedades negro- africanas das savanas, que ao falar sobre as civilizações orais, acrescenta que a palavra compromete o homem, pois ela é o homem. Daí o respeito profundo pelas narrativas tradicionais legadas pelo passado, nas quais é permitido o ornamento na forma ou na apresentação poética, mas a trama permanece imutável através dos séculos, veiculada por uma memória prodigiosa que é a característica própria dos povos de tradição oral. Na civilização moderna, segundo o autor, o papel substituiu a palavra e é ele que compromete o homem.

Tal como a tradição africana considera que na escrita não está o saber e nem o conhecimento, a fala ou o relato tornam-se o registro do saber. Existem, na região do Vale, os narradores de histórias do passado recente e a tradição oral passa a ser concebida como um método de reconstrução histórica local, já que os habitantes pouco ou nada sabem sobre como sobreviveram tanto tempo escondidos na mata até a década de 60´.

⁷ As instituições de escolas no Vale chegaram no século 20, com a construção da BR 116 e de estradas vicinais. Os habitantes iam a pé pela mata, cortada a facão e as viagens até a cidade mais próxima (Eldorado Paulista) demoravam dias.

(2) daí... viemus cá prá baxu... (té a cumadi Lucia deu uma) purção... di movizinho prá nós cois'i tar... aí eu achei qui ali era peQUEnu... vô falá qui tem aquela casa... da prefeitura qui foi ca/a cadeia dipois passô pra forum... dipois... dipois ficô pra prefei/ foi feito prá... pra prefeitura ficô até du istadu (C2 A 4- AB)

(3) DI: é ... eu num sô nem muito velha nem muito nova ... mai sei expriçá purque cond'eu : ... m'intendi pur djente eu cunheci inda ... eu já ouvi falá ... é?

(M^a) :[(André Lopi) ... us mais velhu ... us avô da gente já conta qui aqui tuda vida já chamavam de ANDRÉ Lopi né? (3 A DM- 6)

(4) DI:[até eu tamém ... buscá nu serviçu assim tamém ... meu pai plantava nossu milhu aqui purque ... num fartava coisa sem milhu ansim ... a gente tirav'a paia i fazi'aqueli brinKEdu qui tá brincanu (aqueli mininu). (3 A DM- 6)

Segundo o filósofo africano Kwame Anthony Appiah (1997, p. 242-3), toda a identidade humana é construída e histórica e definida como sendo

uma coalescência de estilos de conduta, hábitos de pensamento e padrões de avaliação mutuamente correspondentes (ainda que às vezes conflitantes), em suma um tipo coerente de psicologia social humana.

A nossa opção pelo relato dos habitantes mais velhos dos vários bairros visitados (André Lopes, Ivaporunduva, Nhunguara, Cangume) encontra validade científica e correspondência histórico-comparativa nas palavras de Hampaté Bâ (1997) ao afirmar que

A tradição transmitida oralmente é tão precisa e tão rigorosa que se pode, com diversas confirmações, reconstituir os grandes acontecimentos dos séculos passados nos mínimos detalhes, especialmente a vida dos grandes impérios ou dos grandes homens que ilustraram a história africana. (...) (Hampaté Bâ, 1997)

Nos bairros do Vale do Ribeira existe a confiabilidade na oralidade, enquanto forma de interpretar e registrar o passado. Se se pode confiar nos textos escritos, pode-se também confiar na palavra emitida por um narrador mais velho. Ambas contém as visões de mundo de quem escreveu ou contou. Portanto, ambas as formas de registro do passado e do presente estão condicionadas as visões de mundo de quem a produz, mas a tradição oral é a memória viva que sobrevive na boca dos responsáveis pela palavra.

Amadou Hampaté Ba traduz esse conhecimento africano como sendo um conhecimento *global*. Segundo ele, é por isso que os anciãos, últimos depositários desse conhecimento, podem ser comparados a vastas bibliotecas. Completa sua convicção com o

seguinte pensamento: “NA ÁFRICA, QUANDO UM ANCIÃO MORRE, É COMO SE UMA BIBLIOTECA SE INCENDIASSE” . (Hampâté Ba , 2004, p.8-9)

2- Outra característica do Vale de permanente relação com a identidade africana é a concepção de parentesco. Existe uma endogamia acentuada, o que faz com que os habitantes de toda a região que se estende do município de Eldorado até Iporanga formem uma grande família, uma rede de laços de sangue tão ampla e tão solidária, que se torna difícil mesmo para eles encontrar a descendência e a ascendência de cada um.

As comunidades, de um modo geral, são formadas por grandes famílias. Os casamentos são feitos endogenicamente. Em Nhunguara, por exemplo, formada por uma única família - os Vieira - segundo informações, há vinte anos não se aceitavam pessoas de outras raças na comunidade, a não ser padres.

A diferença entre as comunidades fica por conta da quantidade de famílias, do contato mais freqüente ou não com a "cidade grande" e com a expectativa econômica e cultural de cada uma. Algumas, como Nhunguara, procuram resgatar a cultura africana; outras como Morro Seco, procuram acabar com os intermediários no comércio de banana, criando uma associação de bananicultores.

Interessante que essa mesma noção de família era extremamente ampla na África, segundo Hampâté Bâ (2004), e se estendia, na verdade, a todo o clã.

Outrora, por exemplo, não era apenas o pai, mas todos os homens da geração mais velha da aldeia que respondiam pela educação das crianças. Todos eram responsáveis por elas. Da mesma forma, quando vários jovens de uma aldeia casavam-se com moças de outra aldeia, eram todas as populações dessas duas aldeias que se tornavam parentes, com todos os deveres recíprocos de ajuda mútua, de hospitalidade e de paz que daí decorriam. (...) A solidão era desconhecida: a mulher viúva ou divorciada, o velho, o deficiente físico, não eram abandonados à própria sorte. O pouco que cada família possuía era dividido com todos os seus, assim como com os hóspedes de passagem, de modo que, se havia pobreza, ela era coletiva, nunca individual. (Hampâté Ba (2004, p.08).

Essa solidariedade, tão comum nas comunidades africanas, permanece ainda nas casas dos remanescentes quilombolas. Não se pergunta ao visitante porque veio em sua casa sem avisar e sempre há ajuda aos que precisam – pais, amigos e primos. Esses laços podem ser sistematizados com o provérbio africano que diz que “ se você come uma galinha na casa de um amigo, você está comendo sua própria galinha, pois o seu amigo virá um dia comer na sua casa”. Na família quilombola, privilegia-se o “nosso” em substituição ao “eu”, valoriza-se a comunidade em detrimento do indivíduo.

Entretanto, a mais grave de todas as mudanças culturais, evidenciado também no continente africano, tem sido o esfacelamento da família e uma ruptura na continuidade da preservação da história e da cultura local e que constituíam o próprio tecido da sociedade e garantiam a sua salvaguarda. (Hampâté Ba (2004, p.08). Com a falta de trabalho, os jovens saem dos bairros e vão ou para as fazendas da redondeza ou para os centros urbanos e são

influenciados por outros padrões culturais que se tornam atração constante, exercida pela cidade. Remetem dinheiro para a família, sem contudo deixarem de visitar periodicamente seus pais e o bairro, pois muitas vezes voltam para casar com moça do lugar.

(5) F-: u bairru era MUITU mas assim movimentadu né? F: [du qui é agora ... ti/ us moradoris ... ih: i agora tá ma/ Menus ... Menas genti pur causu qui ... us mas velhu morreru né? ... é meu pai ca minha mãe (mesmu) morreu ... ih: ... uns par delis tamém saíru fo/ istão pa Tatuí ... né ... intão istá MENUS movimentadu mas tá danu pa vivê né? (F 53A 3 Cangume)

(6) qua:si num tem/ quasi num num num tem história pur causa qui eu ... cum quinzi anu eu saí ... eu saí si impregá para ... para facilitá mais para ajudá elis porque ... eu num / família Pobri né? : é ... i eu saí di casa cum QUINzi anu ... dispoi voltei cum ... TRINTA anos pra: casá né?
é ... i: quasi NUM TEM história pra: ... pa cont'aqui delis. (F 53A 3 Cangume)

3- Amadou Hampâté Bâ (2004) comenta que a ruptura progressiva da transmissão dos conhecimentos tradicionais foi letal para a sociedade africana e no Vale não fica muito atrás, devido ao fato que até então, essa transmissão, na África, era feita oralmente de uma geração a outra por meio das iniciações africanas regulares, das iniciações de ofício e das escolas corânicas; na região sul- paulista por meio da contação de história dos mais velhos. Atualmente, além do mais, nos bairros, ainda há a influência intensa do ensino público, do rádio e da televisão. Tudo isso irá liquidar os últimos refúgios dessa cultura afro-cabocla, pois esses detentores da história e da cultura locais já estavam, à época – década de 80-90, em idade bastante avançada. Muitos deles já faleceram.

A realidade cultural e comunitária mostra-se até mesmo nas construções circulares de taipas, nas lavouras de milho, feijão, arroz e banana, quando se demonstra a solidariedade de grupo. Também surge nas festas populares baseadas em cultos católicos, resvalados de características afro (como na Festa de São Gonçalo – geralmente na época de mutirão, puxirão ou ajutório; nas Folias de Reis; na Festa do Divino; na Noite do Guiné, etc).

A maior preocupação dos habitantes das diversas comunidades é a luta pela posse de terra que, em Vista Grande, por exemplo, deixa mais de 45 famílias em permanente estado de alerta. O bairro enfrenta periodicamente a luta entre posseiros e grileiros e, em vista disso, "*a luta pela terra obrigou as pessoas a esquecer a cultura*", de acordo com um morador, o Sr. Benedito Severino.

4- Outro fator vital da cultura africana é a religiosidade. Os habitantes da maioria dos bairros do Vale do Ribeira são católicos ou seguem uma protestantismo, cujos templos proliferam na região com todas as suas O único bairro que encontrei durante a coleta de dados e que professa a religião espírita é Cangume e o início desse culto é relatado por alguns habitantes de lá.

(7) - F: nu cumeçu ((pigarreia)) ... fizer'uma festa aí ... i esta festa saiu i :: MULTUS delis

ficaru ... in tipu di :: briaguês.

M: Ah é?

F: as mulheri us uzómis... istá fazenu mais ô menu :: ... uns SESSENTa anus pur aí é ... qui intrô u ispiritismu aqui nessi bairru

M: Sei ... Antes vocês eram católicos?

F: [é ... ANTI: ... era católicus ... é ... i depois qui : ... qui aconteceu essa tragédia aí ... aí nesse MESMU dia foru buscá um qui : ... INTENDIA du ispiritismu né? ... é ... i eli si apresentô aqui nu bairru i: ... dispo qu'eli chegô tudu foi si alertanu ... foru si levantanu né? ... dessis dis pra cá aí : formô u ispiritismu aqui nessi bairru

M: Então , seu Chico ... éh : ... então não foi porque eles beberam? Aconteceu alguma coisa?

F: [é:: aconteceu uma tragédia né? ... num foi pur causu di bebida não é:

M: O que é que aconteceu?

F: elis :: ... elis num num ... num ixpricaru direitu né? E aí tiveram ...

F: é

M: E aí se / se: mudaram a religião

F: é ... mudaru a religião

M: Então foram os mais velhos, não é?

F: é ... US MAIS VELHU aqui ...

M: Que mudaram a religião

F: [qui mudaru a religião ... é issu aí já é nu tempu da minha'vó. é ... e ela qui foi a : ... qui foi a fundadera du ispiritismu aqui né? é ... porque ela deu ... deu conselho para para as filha ... para us filhu qui convinha mudá

M: E todo mundo aqui é espírita?

F: é ... TODU nós aqui somu ispírita (

5- As manifestações africanas não se limitaram aos cultos religiosos e místicos e como os brasileiros, ao buscarem recursos de identidade e sobrevivência, colheram no sofrimento, na indignação e na angústia, um profundo dinamismo como forma de manter sua interioridade humana. Essas convergências procedem quando falamos da questão da morte. Plagiando o título de um livro de João José Reis (1991), no Vale, a morte é uma festa e tem alguns rituais que se reproduzem em várias das comunidades. Vamos apresentar dois exemplos de dois bairros: Nhunguara e Cangume e contrapô-los com alguns comentários de autores africanos com os quais estamos nos baseando para fazer essa comparação entre grupos dos dois continentes.

Durante o cortejo fúnebre, por exemplo, há gestos de solidariedade que não devem ser verbalizados (exemplos (8) e (9)) e uma expressão (*'largar a água'*) que identifica quando o defunto fica mais leve. O defunto, antigamente, era levado ao cemitério mais próximo em um lençol cujas pontas eram amarradas em dois varões que eram colocados no ombro de dois integrantes do cortejo fúnebre. Depois de indagar por que os mortos era carregado de uma distância tão grande e por que nau se construíam cemitérios, as poucas respostas que obtínhamos era que dificilmente seria construído nos bairros, pois "*senão começaria a morrer todo mundo*")-

(7) **Largá a água.** *Largar a água.* Deixar que a água do rio passe sobre o caixão do defunto, quando este estiver muito pesado. 0. O fato acontece quando, para se chegar ao cemitério deve-se atravessar o Rio Ribeira de Iguape. Segundo os informantes, ninguém diz nada, não se reclama do peso. Somente executam a ação.

"largav'a água du cax/du riberão nu caxão. Diz qu'eli / o defunto / tava cum sedi né?"
(J-20A13-SP)

(8) M: Aí vai um monte de homem?

F: [é ... quandu tem carru leva di carru i quandu num tem carru : ... nós ... leva nu caxão ansim i: ... in duas pessoa ... um na frenti i otru atrais

M: Uhn uhn ... E não tem nenhuma estória de dizer que está cansado ou: pede?

F: NUM TEM ... é ...: um leva certa distância i otru lá já pega i: ... vai levanu

M: Não pode falar que está cansado?

F: é: num podi ... NINGUÉM fala qui tá cansadu

M: É tradição

F: é é ... podi sê pesadu u corpu ali ... ninguém fala qui tá cansadu. As veis num carrega nem : ... nem cincü metru ansim ((canto de um galo)) já otru já pega ... é ... vai só peganu. Intrô um ali ... já vai larganu ... : é ... cum cuiDA:du ... pa num caí né?

M: Do Gonçalves? Como é que é?

F: é ... tem u cimiteru ((J ri)) ... ela qué sabê né ((ri))

M: Como é que é a estória?

F: é o :: u Luteru era meu primu. i ... i eli morava pertu cum ... cum u Gonçalves, né? pertu du du terre/ nu memu terrenu ansim u terrenu era dali ... o ter/ u otu terrenu er'u Gonçalves ... intão ezi discutiru uma vez pur casu di cerca né?: i:: us dois era di mal um com u otru... i u Luteru morreu ((M ri)) i u Gonçalves ficô né?

M: Uhn

F: aí : ... nós fomu : / eli morreu i : eu saí cunvidanu u povu pra ... pra nu OTRU dis nois sipurtá eli ... pur causu qui tava chovenu ... precisava sepurtá : bem dipressa purqui eli istava cum mal cheru. .. u corpu já istava cum mal cheru né? i nós levemu ... levemu pa sepurtá lá im Itaoca né? ... i chegemu lá im Itaoca intão elis tava : ... já tava iscureCE:nu já: ... i nós faZiA a sipurtura i: ... poNHAVA u caxão ansim na na sipurtura num desCia u caxão. Num desCia u caxão DI JEITU NENHUM ... num descia u caxão i: aquela murtiDÃO di genti qui tinha levadu ele : a: levadu nu cimitériu i ... tava ali nu ... pertu da da sipurtura né?

M: Não conseguia pôr o caixão?

F: é ... num cunsiagua pôr u caxão ... num cunsiagua DESCÊ na nu ... imbaxu né? : pa ponhá lá im baxu ... pa ficá nu jeitu di sipurtá eli.. jogá terr'im cima né? Aí nós ... um olhava na cara du otru i ninguém discia lá né? : i tinha basTANTI mosca já ... rudianu nois ali né?

F: é ... aí o: u Gonçalves pegô : desceu lá ... ficô im cima do: ... do caxão deli ali cum jeitihu jeitihu u caxão desceu imbaxu. Aí nós cunsiaguimu sipurtá eli ... viemu imbora ... é. Já tava iscuro já

M: tinha que o outro ir lá

F: é ... precisô u OTRU í lá ... u inimigu deli

- (9) S : Vocês não enterravam os mortos aqui?
 J : não ... não ... im Ivapurunduva ... Ivapurunduva dipois ... u foi criadu um cimitériu aqui nu Castelhanu ... intão ... (ficô mai pertu)
 S : E (de primeiro)? Como que era levado até Ivaporunduva? De canoa?
 L : aqui cortav'aqui nu mat'er' um:: varão
 Mx: um varão
 L : (num tinh'istrada () varão ... fazê u:: (ponhava) caxão ansim (condo::) () du caxão ... marra/... marrava travessão neli assim ... uma (perna) () i'atrais aí ...
 Mx: marra(va) tudu... marrava(va) tudu bem marradu i:: ... é
 L : () da ota ... da ota ... da ota ... ATÉ chegá nu pontu lá da Ribera pra pegá canoa ... (condu) num ia nas costa né?
 Mx: (as veis) () até Vapunduva
 S : É ... Diz que aquele que carregava o defunto não podia cair, não é? ((L ri)) ((risos e vozes juntos: ininteligível))
 M : Ah ele não podia cair?
 L : não
 M : ((rindo)) porque se ele caísse
 S : chegava i j'avisava ... "Não podi caí hein" ((ri))
 M : (Por que) queria? Quem queria? Quem queria?
 L : quem queria () caí ((rindo))
 M : ((rindo)) Carregar. Não, e carregar?
 L : ah... carregá... tudu carregava ... aqui num tinha priguíça ... num temu até HO::dji)
 S : E já teve defunto grande? (Defunto assim) muito pesado ()
 M : ((rindo)) Então conta uma história aí, seu Joaquim?
 L : () djá tá qui u nossu () ((risos)) LÁ du () (carvaiu qui hodji) tinh' uma fazenda ((tosse)) () LÁ: nu fundu né? um () as veis dava () morreu ... vinh'um dia atrais du otru ansim). nu meu tempu (). Taí u: cumpadi Juaquim qui tamém carregô ()
 J : () de Itu ((todos riem)) vei-u de lá de Itu ()
 S : (Em Itu tem defunto grande?) ((rindo com os outros))
 M : Mas eles fizeram um cemitério em Castelhanu e vocês não pensaram em fazer algum aqui? Não tinha condições, não podiam? Ou não pensaram nisso?
 J : aqui ninguém tevi essa idéia né? pur inquantu (ninguém) num pensô nissu ... () nessas terra ... cimitéru aqui ninguém pensô () ((M ri)) ... eu memu num pensei ((todos riem)) () dexe:: lá (uma luis) im nós um pocu né? ((ri))
 L : é qui nem ... n'otrus tempu eles falavu qui diz qui fazê cimitéru nu lugar da genti assim murria muita genti () nós temu qui fazê cimitéru ((ri)) intão ressentemu de num fazê cimitéru aí ... nu tempu dus mai véiu pra cá já né? () prá carregá põe nu chão ... (eli) tá mortu
 M : E ... não tem uma história de alguém que tenha carregado? Como é que é? ((rindo)) É ... ou estava cansado ... ou ficava muito pesado como ele diz muito aí ... sei lá
 Mx: (as veis aconteci, né)?

M : Nunca aconteceu?

Mx: não ... não ... issu não

L : aqui (nunca) aconteceu ...

J : () u: cadáver ... (Cu difuntu MUI::tu pesado () sintimu u pesu () aí eli tamém tinh' uma simpatia ... quando chegava na () LAR:: garv'a água du ribeirão nu caxão ansim ((risos de todos))

M : ((rindo)) Como é que é, seu Joaquim?

J : ((rindo)) largav'a água du cax/ du ribeirão nu caxão diz qu'eli tava cum sedi né? ... () nada a genti tocava prá frenti () fazia issu memu? num fazia?

Mx: fazia ((ri))

S : Já chegou a cair defunto na Ribeira aí (de dentro) da canoa?

Mx: não

S : Não?

L : () defunto não caiu não

S : Já pensou seu () se o senhor pega um defunto desse () ((ri com os outros))

J : ((ri)) () ((vozes)) Si (u difuntu caísse) djá ficava dentru d'água di veis ((faz barulho com a boca e com as mãos))

S : É isso aí ...

Mx: é

(20 AB-p.3-5- SP)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa que pretendia oferecer subsídios a professores sobre a existência da manutenção de africanidades no cotidiano de bairros remanescentes de quilombos é, portanto, um convite aos educadores para que mestres redescubram a cultura afro dos locais onde lecionam, discutam as diferenças regionais e intra-regionais e instituem a necessidade de incluir efetivamente a formação e a contribuição também dos povos africanos na cultura brasileira dentro do currículo escolar. As experiências vão resultar num enriquecimento das relações entre crianças/ família/ escola e todos terão a oportunidade de conviver com a diversidade cultural e a criatividade de parcela significativa do povo brasileiro.

Resgatam-se, nos traços dessa população, vestígios de um modo de viver próprio, materializado no labor cotidiano, no ritual, na gestualidade de corpos que vibram à batida de uma batuque, na solidariedade – formando uma cosmogonia das suas africanidades. No exercício de suas ancestralidades, esses grupos rurais tornam-se pólos de resistência que sustentam todo o patrimônio cultural existente nos bairros remanescentes de quilombos brasileiros.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABDALLA, Maria de Fátima Barbosa. **O Sentido do Trabalho Docente e a Profissionalização**: representações sociais dos professores formadores. Relatório Final

apresentado ao Programa de Pós- Graduação *Stricto Sensu* em Educação da PUC/SP - Psicologia da Educação. São Paulo, 2008.

ALMEIDA, A.P. de. Memória Histórica de Xiririca (Eldorado Paulista). *Boletim do Departamento do Arquivo do Estado de São Paulo*. São Paulo, vol. 14, 1955.

APPIAH, Kawame Anthony. **Na Casa de Meu Pai: a África na filosofia da cultura**. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

CARENO, Mary Francisca do. **Vale do Ribeira: a voz e a vez das comunidades negras**. São Paulo: Arte & Ciência; UNIP, 1997.

CARENO, Mary Francisca do. **Representações sociais de Professores sobre as Relações Raciais na Escola**. 2010. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Católica de Santos, Santos/SP.

CUNHA JR, Henrique. **A Inclusão da História Africana no Tempo dos Parâmetros Curriculares Nacionais**. Disponível em:
http://www.mulheresnegras.org/cunha_01.html. Acesso em 08 abr. 2012.

HAMPÂTÉ BA, Amadou. **A Educação Tradicional na África**. Disponível em
<http://www.casadasafricas.org.br/site/index2.php?id=banco_de_textos&sub=01&id_texto=6>. Acesso em 16/06/2008.

HAMPATÉ BÁ, Amadou. *A tradição viva* In: KI-ZERBO, J. (coord): **História Geral da África**. Vol.I, Metodologia e Pré-História da África. São Paulo: Ática-UNESCO, 1980.

MIS (Museu da Imagem e do Som). "Vale do Ribeira" **CADERNOS DO MIS-1**. São Paulo, 1980.

MOSCOVICI, Serge. **A Representação social da psicanálise**. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

MOSCOVICI, Serge. **Representações sociais: investigações em psicologia social**. 5ª ed. Petrópolis: Vozes, 2007.

MOURÃO, Fernando A Albuquerque. Múltiplas Faces da Identidade Africana. **AFRICA: Revista do Centro de Estudos Africanos/ USP**. São Paulo, 18-19(1), p. 05-21, 1995/1996.

MUNANGA, Kabengele. Identidade Étnica, Poder e Direitos Humanos. **THOT**, São Paulo, no 80, p.19-30, abr. 2004.

MUNANGA, Kabengele. A Identidade Negra no Contexto da Globalização. **ETHNOS BRASIL (NUPE)**, São Paulo, Ano 1- no 01, p.11-20, mas. 2002.

NASCIMENTO, Elisa Larkin em *Introdução à história da África*. In: **Educação africanidades Brasil**. MEC – SECAD – UnB – CEAD – Faculdade de Educação. Brasília. 2006. p. 33-51.

REIS, João José. *A Morte é uma Festa: ritos fúnebres e revolta popular no Brasil do século XIX*. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

REVISTA NOVA ESCOLA. África de todos nós. Disponível em:

< http://revistaescola.abril.com.br/edicoes/0187/aberto/mt_98578.shtml > Acesso em 22/ 03/ 2008. (Texto publicado na edição 187 - nov/2005)

Obs. Apontamentos no caderno de ensinamentos, anotados durante o Curso História e Cultura Africana e Afro- Brasileira, oferecido pela Associação Cultural Cachuera!, de 15/ 03 a 28/06/2008.